

ENTÊRRO DE UMA NEGRA

A única diferença que existe entre o acompanhamento do entêrro de uma negra e o de um homem da mesma raça reside no fato do cortejo se constituir unicamente de mulheres, à exceção de dois carregadores, de um mestre de cerimônias e do tambor. Este carrega um caixote de madeira de tamanho médio, sôbre o qual executa de vez em quando uma espécie de rufo lúgubre com as palmas das mãos; como êsse caixote é carregado debaixo do braço o tambor vê-se obrigado a agachar-se de quando em quando e colocá-lo sôbre os joelhos para poder agir. Mas assim que o cortejo o alcança êle se lança de novo para a frente, a fim de ganhar terreno, o que explica os intervalos entre os rufos, preenchidos aliás pelas salmodias do cortejo feminino, cujos clamores mágicos incitam inúmeras compatriotas a se unirem ao entêrro. Entre os *moçambiques* as palavras do canto fúnebre são especialmente notáveis pelo seu sentido inteiramente cristão, pois entre os outros limitam-se a lamentações acêrca da escravidão, ainda assim grosseiramente expressas.

Dou aqui o texto moçambique em português; *nós estamos chorando o nosso parente, não enxerguemos mais; vai embaixo da terra até o dia do juízo, hei de século seculorum amem.*

Quando a defunta é de classe indigente os parentes e os amigos aproveitam a manhã para transportar o corpo numa rêde e depositá-lo no chão junto ao muro de uma igreja ou perto da porta de uma venda. Aí uma ou duas mulheres conservam acesa uma pequena vela junto à rêde funerária e recolhendo dos passantes caridosos módicas esmolas para completar a importância necessária às despesas de sepultura na igreja ou mais economicamente, na Santa Casa de Misericórdia, onde êste tipo de inumação custa três patacas, ficando o transporte por conta da instituição.

Essa exposição pública atrai infalivelmente os curiosos, sobretudo compatriotas da defunta que também contribuem para o entêrro. Pobres como ela, dão apenas, o mais das vêzes, uma moeda de dez réis, a

menor moeda em circulação. Mas o número supre a modicidade do óbolo, pois não há exemplo de indigente moçambique que fique sem sepultura por falta de dinheiro.

A cena se passa diante da *Lampadosa*, pequena igreja servida por um padre negro e assistida por uma confraria de mulatos.

O mestre de cerimônias negro, com uma vara na mão, vestindo uma dupla cota formada por lenços de côr e com sua rodilha à cabeça, faz parar o cortejo diante da porta que só é aberta no momento da chegada, a fim de evitar a entrada da multidão de curiosos seus compatriotas. O tambor aproveita essa parada para fazer rufar seu instrumento, enquanto as negras depositam no chão seus diversos fardos a fim de acompanhar com palmas os cantos fúnebres em honra da defunta transportada na rêde e acompanhada por oito parentes ou amigas íntimas, cada uma das quais pousa a mão sôbre a mortalha.

A essa ruidosa pompa funerária junta-se o som de dois pequenos sinos quase coberto pelo ranger dos gonzos enferrujados que os suportam. E a sombra da noite cobre todos êsses detalhes com um véu fúnebre, pois a cerimônia, de acôrdo com os costumes brasileiros, só começa no fim do dia.

ENTÉRRO DO FILHO DE UM REI NEGRO

Não é extraordinário encontrarem-se, entre a multidão de escravos empregados no Rio de Janeiro, alguns grandes dignitários etiópicos e mesmo filhos de soberanos de pequenas tribos selvagens. E' digno de nota que essas realezas ignoradas, privadas de suas insígnias, continuem veneradas por seus antigos vassalos, hoje companheiros de infortúnio no Brasil. Êsses *homens de bem*, que na sua maioria prolongam sua carreira até a caducidade, morrem em geral estimados por seus senhores.

E' comum, quando dois pretos se encontram a serviço na rua, o súdito saudar respeitosamente o soberano de sua casta, beijar-lhe a mão e pedir-lhe a bênção. Dedicado, confiando nos conhecimentos de seu rei consulta-o nas circunstâncias difíceis. Quanto aos *escravos nobres*, graças à sua posição, conseguem de seus súditos os meios suficientes para comprar a própria liberdade; e desde então empregam escrupulosamente toda a sua atividade no reembolso da dívida sagrada.

Retirado economicamente no porão de um bêco qualquer, cobre com seu andrajos a sua grandeza e, revestido de suas insígnias reais, preside anualmente no seu pobre antro as solenidades africanas de seus súditos. Ao morrer êle é exposto estendido na sua esteira com o rosto descoberto e a bôca fechada por um lenço (247). Quando não possui

(247) A necessidade de envolver a parte inferior do rosto com um lenço atado se explica pelo hábito que os pretos têm de colocar uma moeda na bôca do defunto. (N. do A.).

nenhuma das peças de seu traje africano, o mais artista de seus vassallos supre a falha traçando no muro o retrato de corpo inteiro e de tamanho natural do *monarca defunto no seu grande uniforme embelezado com tôdas as suas côres*, obra-prima artística ingênua, servil imitação que estimula o zêlo religioso de seus súditos, solícitos em jogar água benta sôbre o corpo venerado. O mais difícil para êles está em saírem depois, do porão repleto de gente, e atravessarem a multidão de curiosos que estaciona à porta.

O defunto é visitado também por deputações das outras nações negras, representadas cada qual por três dignitários: o *diplomata*, revestido de um colête, calças pretas, chapéu de bicos bastante seboso e mais ou menos rustico; o *porta-bandeira*, segurando um varapau comprido no alto do qual se desfralda um trapo de côr; e o *capitão da guarda*, armado de uma vareta enrolada numa fita estreita ou simplesmente enfeitada com um laço, limitando-se o uniforme militar a uma simples calça para esconder a nudez. Cada deputação, ao chegar, é introduzida pelo seu capitão da guarda, que faz uso da arma para abrir passagem através da multidão; a delegação torna a sair da mesma maneira.

Embora nenhum ornamento funerário designe a porta da casa do defunto, pode ela ser reconhecida, mesmo de longe, pelo grupo permanente de seus vassallos que salmodiam, acompanhando-se ao som de instrumentos nacionais pouco sonoros mas reforçados pelas palmas dos que os cercam. Estas constituem-se de duas batidas rápidas e uma lenta ou de três rápidas e duas lentas, geralmente executadas com energia e conjunto. A êsse ruído monótono, que se prolonga desde o amanhecer, mistura-se por intervalos a detonação das bombas e isso dura até seis ou sete horas da noite quando se inicia a organização do cortejo funerário.

A procissão é aberta pelo mestre de cerimônias. Êste sai da casa do defunto fazendo recuar a grandes bengaladas a multidão negra que obstrui a passagem; erguem-se o negro fogueteiro soltando bombas e rojões e três ou quatro negros volteadores dando saltos mortais ou fazendo mil outras cabriolas para animar a cena. A êsse espetáculo turbulento sucede a saída silenciosa dos amigos e das deputações escoltando gravemente o corpo carregado numa rêde coberta por um pano mortuário. Finalmente a marcha é fechada por alguns outros ajudantes, armados de bengala, que constituem a retaguarda e têm por fim manter a distância respeitosa os curiosos que acompanham. O cortejo dirige-se para uma das quatro igrejas mantidas por irmandades negras; a *Velha Sé, Nossa Senhora da Lampadosa, Nossa Senhora do Parto* ou *São Domingos*.

Durante a cerimônia do entêrro o estrondo das bombas, o ruído das palmas, a harmonia surda dos instrumentos africanos, acompanham os cantos dos nacionais, de ambos os sexos e tôdas as idades, reunidos na praça diante do pórtico da igreja.

Finalmente, termina a cerimônia, os soldados da polícia dispersam a chibatadas os últimos grupos de vadios, para que tudo termine dentro das normas brasileiras.